

# Esteréotipos que ficam

*A. Gomes da Costa*

É sintomático, como diria Afrânio Peixoto ao falar dos nossos achaques e das prendas alheias, que perdurem até hoje muitos dos estereótipos ligados ao processo da colonização portuguesa. Não adiantam as pesquisas nas fontes da História e os estudos abalizados que avaliam, com imparcialidade, tanto os erros como as virtudes dos portugueses na formação do Brasil; nem importa rebater a comparação que se faz entre os vícios das administrações ibéricas, que seriam a gênese de todo o atraso das antigas colônias subordinadas às Cortes de Madrid e de Lisboa, com as políticas de outras metrópoles européias, que resultaram em maior progresso e em maior riqueza nos seus domínios ultramarinos.

Muitos historiadores, quase sempre de formação marxista, ou, então, críticos de qualquer tipo de colonização, insistiram na idéia de que do passado recebemos a sífilis e a violência, a escravidão e o genocídio, o saque e as derramas, a ignorância e a sujeição – e que foi um desastre os franceses de Villegaignon terem sido corridos da baía da Guanabara, os holandeses de Nassau expulsos do nordeste, ou os piratas de sua majestade impedidos mais cedo de perseguir os navios negreiros.

Não vai fazer diferença trazer à lide o exemplo de tantos outros países da África e da Ásia, cuja colonização não esteve a cargo de Castela, nem de Portugal, e que, no entanto, ficaram muito atrás do Brasil e das antigas colônias da Espanha na América em termos de desenvolvimento e de progresso. Lembre-se, a propósito, que ao ser proclamada a independência, em 1822, tínhamos uma renda superior à dos Estados-Unidos – e enquanto o país do norte era resultado das expedições dos comerciantes britânicos que queriam descobrir terras e piratear riquezas, o Brasil era um projeto da Coroa portuguesa.

É que para os que seguem a linha mortífera do Manoel Bonfim, ou endossam os disparates do ex-padre Antônio Torres, a tragédia nem foi a colonização, mas sim a chegada, em 1500, ao litoral da Bahia, das naus de Pedro Álvares Cabral. A todo o instante respinga-nos a lamúria. Ainda nesta semana, ao ser entrevistado, a propósito do quadro político atual, quando lhe foi perguntado se o problema da reforma agrária não seria culpa dos portugueses, um sociólogo da chamada

“Escola Paulista” viu-se obrigado a responder à pergunta com uma certa ironia: também não culpemos os portugueses por tudo. Afinal de contas, somos um país independente desde 1822. E se temos latifúndios e grileiros, conflitos agrários e invasões de terra, não é por causa das capitâneas hereditárias ou dos arquivos da Torre do Tombo. E na mesma linha foi a desculpa do vice-governador do Estado do Rio de Janeiro ao justificar a deterioração ambiental da baía da Guanabara: os últimos a limpá-la foram os indígenas, ainda antes da fundação da cidade por Estácio de Sá... E se entrarmos pelas cartilhas do CIMI, ou pelos manifestos dos movimentos negros, então, a impressão com que ficamos é que para construir este país, assegurar-lhe a unidade territorial, difundir a Língua, dotá-lo de instituições, alargar as suas fronteiras, ensinar a catequese, misturar etnias, reduzir diferenças – os portugueses teriam seguido políticas completamente equivocadas. O certo, segundo eles, era terem chegado a terras de Vera Cruz e distribuído missangas entre os tupinambás que se aproximaram das praias; terem pedido desculpas pelo incômodo de lhes interromperem as danças – e içado as velas das naus para seguir viagem para a Índia. E tampouco tinham que dar conhecimento a El-Rei D. Manuel do achamento da nova terra, como se apressou Pero Vaz de Caminha. Ora, não fizeram nada disso e como o Brasil acabou por se transformar na “menina dos olhos” do Império; como veio, nos séculos seguintes, a saga da colonização e os seus desdobramentos; como lançaram as bases de uma das maiores nações do mundo; como eram portadores de uma cultura, trouxeram novas técnicas de produção, ocuparam e defenderam a colônia e no meio dessa fantástica epopéia cometeram também erros e equívocos, prearam índios e maltrataram negros, extraíram riquezas e levaram o ouro para as igrejas joaninas e para os dotes das infantas, então carregam até hoje o estigma de terem feito do Brasil não o país admirável que somos, mas o país problemático de que muitos não se orgulham, por descarrego da ideologia ou por carência de auto-estima.

Tudo aquilo que de positivo recebemos dos antepassados, tão visível em muitas das nossas estruturas internas e que foi fundamental para chegarmos ao Brasil de hoje, da Língua à unidade do território, de uma nova civilização à maneira de estar no mundo, disso não se fala. Em contrapartida, incomodamo-nos com algumas mazelas, como se fossem maldições dos deuses da velha Lusitânia...

10.03.05